

KATHERINE FAULKNER

O THRILLER
IMPERDÍVEL
DO ANO

BREVEMENTE
NA TV

GREENWICH PARK

QUANDO SE TEM TUDO,
HÁ MUITO MAIS
A PERDER.

TOP
SEL
LER

«Sensacional. Um thriller psicológico de alto nível que o vai
manter em suspenso até ao final.» *The Independent*

Prisão de Bowood
5 de novembro de 2019

Querida Helen,

Sei que me pediste que não voltasse a escrever-te. Mas tens de saber a verdade, mesmo que, passado todo este tempo, continues a tapar os ouvidos. O que terás feito naquele dia, depois de me terem levado preso? Depois da pancada final do martelo do juiz, quando toda a gente se levantou, com um roçar de sedas e algodões? Eu olhei em volta à tua procura; queria ver o teu rosto. Mas, quando os meus olhos encontraram os quadrados azuis do teu casaco, percebi que estavas com os teus fixos no chão, e tive a noção, com a certeza que se tem quando se ouve bater uma porta, de que não havia maneira de voltar atrás.

Lembras-te de haver um momento, quando os guardas estavam a levar-me dali, em que o silêncio foi absoluto e a única coisa que se ouvia eram os meus passos? Perguntei muitas vezes a mim próprio o que terias feito depois disso, o que estarias a fazer quando me atiraram para dentro daquela carrinha sem janelas. Aonde terias ido, o que terias comido. Com quem terias falado. Como teria sido a tua vida depois de eu ter deixado de fazer parte dela.

Quando penso em ti, e penso muitas vezes, imagino-te sempre na cozinha da tua casa, com uma caneca entre as mãos, diante da janela, a olhar para o jardim. De vez em quando, fecho os olhos para conseguir

imaginar-te com precisão. Tens vestida a camisola verde e tens o cabelo apanhado, enrolado no cimo da cabeça. Vejo os quadros dos teus pais a decorar as paredes, a racha por cima das portas de correr, as pequenas poças de luz sobre a bancada, em torno das garrafas do azeite e do vinagre — imagino tudo tal como me ficou na memória. Já se ouvem os passarinhos na tua magnólia? As roseiras já estão floridas? Na minha imaginação, estão. E espero que na realidade também.

Acho que o que mais te custaria na vida da prisão seriam as refeições. Os garfos são de plástico e partem-se quando os espetamos nos pedaços de carne cinzenta e os enfiamos nos montes de puré de batata instantâneo. Há dias em que os guardas nos dão outro garfo, se pedirmos; mas há outros dias em que não dão, e temos de comer com as mãos. Bem sei que é algo sem importância, mas, quando uma pessoa tem uma vida limitada como a que eu tenho agora, as coisas sem importância acabam por ocupar mais espaço do que é suposto.

Por vezes, tenho dificuldade em acreditar que estou efetivamente aqui preso. Que sou considerado um perigo público, alguém em quem não se pode confiar. Mas, na verdade, ninguém se considera realmente má pessoa, pois não? Independentemente do que somos, independentemente do que fizemos. Todos temos as nossas razões; só precisamos de alguém que tenha paciência para nos ouvir.

Talvez nunca venhas a ler esta carta. Talvez a rasgues assim que vires o carimbo do correio e atires os pedaços de papel para a lareira. Mas não me parece. Ver um envelope fechado foi sempre uma grande tentação para ti, não foi, Helen? Se assim não fosse, talvez não tivéssemos acabado como acabámos.

Não me interpretes mal; não estou a insinuar que a culpa foi tua. Seja o que for que tenhas feito, não mereceste o que se seguiu. Espero que tenhas consciência de que eu não queria nada que as coisas tivessem acabado como acabaram. Só que perdi o controlo. Ultimamente, tenho andado a tentar inverter essa situação, seguindo o rasto de migalhas que fui deixando pelo caminho; tenho andado a tentar perceber onde foi que tudo teve início, onde foi que as coisas começaram a correr mal. E diria que a resposta é que tudo começou muitos anos antes de tu sequer imaginares que tinha começado.

Pergunto-me se, naquele dia, tiveste noção do significado que esse dia viria a assumir. Não te zangues comigo, mas sempre achei que a

tua memória desse dia assumira uma espécie de qualidade inventada. Estive quase para te perguntar, certa vez em que estavas a falar do assunto: Foi mesmo assim? Estava mesmo tanto calor? O cheiro a relva era mesmo tão intenso? Tens a certeza, Helen? Tens a certeza?

Pergunto-me se saberias que aquelas memórias tão vívidas podiam dar cabo de ti para sempre, de tão perfeitas que eram; que podiam deixar tantas outras coisas na obscuridade.

Espero que não soubesses. Espero que, nessa altura, não tivesses percebido que nada voltaria a ser como dantes, por muito que te esforçasses. E ainda bem que não sabias o que de facto aconteceu naquele dia; acho que tinha esperança de que nunca viesses a saber.

Mas agora tens de saber, Helen. Por isso, aqui vai.

24 SEMANAS

HELEN

O tapete junto à entrada ostenta várias nódoas de cerveja; presa à porta com fita-cola, está uma etiqueta onde se lê: «National Childbirth Trust.» Ao rodar a maçaneta, tenho a sensação de que, se fizer muita força, ela se irá soltar. Lá dentro, vê-se um semicírculo de cadeiras. Um quadro branco. Umas mesas com sumos e bolachas. As janelas, de guilhotina, parecem emperradas.

Já cá se encontram três casais. Eu sou a única que venho sozinha. Lançamos breves sorrisos de cortesia uns aos outros, e eu sento-me em silêncio; está demasiado calor para conseguir pôr-me com conversas de circunstância. Um dos maridos, um homem de barba, esforça-se por abrir uma das janelas, mas acaba por voltar a sentar-se após algumas tentativas, encolhendo os ombros com uma expressão derrotada. Eu lanço-lhe um sorriso solidário, sem parar de me abanar com um folheto de primeiros socorros a bebês que estava em cima de uma cadeira. Eu e as restantes mulheres oscilamos como pinos de bowling, com a barriga pousada no colo, as costas arqueadas e as pernas abertas, a fazermos esgares.

Vão chegando mais pessoas, e eu olho de relance para o relógio de parede. Já passa das seis e meia. Onde estarão eles? Espreito constantemente o telemóvel, esperando ver a luzinha indicativa de que chegou uma resposta às minhas mensagens. Porém, ninguém me responde.

Saí mais cedo do trabalho, pois queria chegar aqui a horas, mas não fui a única. Há vários dias que o ar condicionado está avariado, e esta tarde o escritório encontrava-se meio vazio, com umas quantas

ventoinhas de secretária a lançarem ar, frouxamente, para as faces coradas de homens de meia-idade.

Quando peguei na mala e desliguei o computador, olhei de relance para o Tom, mas ele estava concentrado ao telefone, a ligar para o departamento de manutenção para se queixar da temperatura pela terceira vez desde manhã. Chamei-o com uma espécie de aceno disfarçado, mas ele mal me deu atenção, mandando-me embora com um gesto e um olhar de soslaio à minha barriga, continuando a segurar o telefone junto ao ouvido com a outra mão. Acho que se esqueceu de que hoje era o meu último dia de trabalho.

Não me sentindo com forças para enfrentar o sufoco lento do metropolitano, decidi vir a pé. O brilho do Sol era intenso. Os passeios e as passeadeiras de peões emitiam ondas de calor, que bruxuleavam por entre os carros e os autocarros. As buzinas faziam-se ouvir, em frustração suada. Só se fala da onda de calor; ninguém se lembra de um verão assim. Estão constantemente a recomendar-nos que nos protejamos do sol e que andemos com uma garrafa de água. Há várias semanas que não chove. Os leques, os guarda-sóis de jardim e o gelo em sacos esgotaram nas lojas. Fala-se de proibir a rega dos jardins.

Decidi cortar caminho atravessando o parque, passando entre o Observatório e o Colégio Naval Real. A luminosidade era tão intensa que parecia diluir os contornos das coisas. A relva, já amarelada, estava povoada de empregados de escritório descalços e de óculos de sol, com os nós das gravatas desapertados, a beberem gin tónico de latas, a partilharem pacotes de batatas fritas e a conversarem naquele tom ligeiramente mais elevado de quem já tomou algumas bebidas. Tive a sensação de estar a passar por uma grande festa, uma festa para a qual não fora convidada. Tive de fazer algum esforço para não ficar a olhar para eles. Por vezes, é difícil não ficar a olhar para as pessoas felizes; há nelas um fascínio qualquer.

Estava um calor assim no verão em que terminámos o curso. Andávamos os quatro em Cambridge e costumávamos ir passear de barco no rio: eu e a Serena apanhávamos banhos de sol, o Rory remava e o Daniel tratava das bebidas, a sua pele muito branca a ficar avermelhada ao sol. A certa altura do percurso, desviávamo-nos para a margem, ficando emaranhados nas cortinas dos ramos dos salgueiros-chorões, sob um céu absolutamente limpo, com o sol a brilhar nas águas límpidas do Cam,

como lantejoulas. Tínhamos a sensação de que aquele verão iria durar para sempre. Quando, porém, chegou ao fim, receei que a nossa amizade se desvanecesse, mas tal não aconteceu. O Rory e a Serena vieram morar para Greenwich, numa casa situada do outro lado do parque. O Daniel foi trabalhar com o Rory no gabinete de arquitetura da nossa família. E, agora, estão para nascer os nossos filhos, que deverão ter duas semanas de diferença um do outro.

A orientadora do curso chega. Abre a porta toda para trás e coloca uma base de copos dobrada a prendê-la; depois, pega numa etiqueta autocolante e escreve o seu nome com um marcador verde de bico grosso: «Sonia». Cola o autocolante à blusa e larga uma série de sacos de compras aos pés do quadro branco. Usa uma trança espessa, que lhe chega quase ao fundo das costas.

— Muito bem — diz. — Vamos começar?

Dá início a um monólogo ensaiado sobre o trabalho de parto, sobre como atenuar as dores e sobre as cesarianas; nas partes mais constrangedoras do discurso, uma pálpebra treme-lhe. De vez em quando, vê-se forçada a levantar a voz para se sobrepor ao ruído de pratos e panelas ou a uma explosão de exclamações provenientes da cozinha do *pub*, que fica no andar de baixo.

Após vários minutos a ouvi-la, olho novamente de relance para o telemóvel, e, nessa altura, recebo uma mensagem do Daniel: «A reunião acabou», diz ele. «Vou agora para casa. O comboio chega às dez.» Repete que tem imensa pena de não poder assistir à aula, que gostava de estar aqui comigo, e promete compensar-me.

Sei que, se ele pudesse, estaria aqui comigo, que se sente efetivamente triste por me ter dececionado; que aquela reunião urgente, marcada à última hora, não poderia ter calhado em pior altura. Ainda assim, não consigo deixar de me sentir desiludida; estava tão entusiasmada com estas aulas, com a possibilidade de as fazermos em conjunto, como um verdadeiro casal de pais que esperam o primeiro filho.

A Sonia começa a tirar objetos dos sacos: uma pélvis — dentro da qual enfia um recém-nascido de plástico, completamente vestido —, uns mamilos de tricô, um par de fórceps, uma ventosa obstétrica. Os homens exibem um ar horrorizado; as mulheres estão suadas e ansiosas. Passamos os objetos de mão em mão, tentando sorrir corajosamente umas às outras.

As cadeiras à minha esquerda continuam desocupadas, e o homem barbudo que está sentado a seguir tem de se esticar sobre elas para me entregar os objetos, à medida que vão dando a volta. Olho de relance para as etiquetas com os nomes do Rory e da Serena que coloquei nesses lugares. Pelo menos eles deviam cá estar, para me fazerem companhia, para eu não me sentir tão sozinha. Sinto-me uma tola, como se tivesse inventado dois amigos imaginários. Será possível que a Serena se tenha esquecido?

Recebo outra mensagem, desta vez da Serena. Cai-me o coração aos pés. Quando clico para a abrir, já sei o que vou ler.

«Olá, Helen! Sei que hoje é a primeira aula do curso de preparação para o parto. Espero que não te importes, mas acho que eu e o Rory vamos acabar por não ir a esse curso. Estive à procura na Internet e encontrei outras aulas que me parecem mais o meu género. Parecem-me ser menos teóricas, e são na padaria biológica. Estava a pensar em optar antes por essas. Desculpa cancelar à última hora. Diverte-te!»

A Sonia está em frente do quadro branco com um marcador vermelho na mão.

— Muito bem. Alguém quer tomar a palavra e dizer o que sabe sobre a amamentação?

Tento concentrar-me na discussão acerca da amamentação, que, na verdade, não está a correr muito bem. A maioria das mães tem os olhos fixos no chão. Uma delas diz algo sobre o posicionamento do bebé, outra conta que uma amiga guarda o leite no frigorífico.

— Mais alguém quer dizer alguma coisa? — A Sonia agita os braços. Veem-se-lhe meias-luas de suor na blusa, na zona das axilas.

Nesse preciso momento, entra na sala uma rapariga, que bate com a porta. A Sonia sobressalta-se.

— Raios partam! Desculpem! — exclama a rapariga, tirando uma mochila dourada dos ombros e largando-a sonoramente no chão. A mochila aterra a meros milímetros do meu pé. — Ups! — diz a jovem, a sorrir, pousando a mão na barriga.

Toda a gente fica a olhar para ela. A Sonia, de pé diante do quadro, com o marcador vermelho no ar, fita-a com frieza. Até ao momento, as únicas coisas que conseguiu escrever no quadro foram: «posição correta (mamilo)» e «guardar no frigorífico».

A rapariga aponta com o indicador, a unha pintada de roxo, para o lugar ao meu lado, o lugar que eu tinha reservado para a Serena, e pergunta-me:

— Está ocupado?

Eu hesito, mas acabo por negar com a cabeça. Sentindo os olhos dos outros casais sobre mim, retiro as etiquetas com os nomes dos meus amigos, transfiro as minhas coisas para o outro lado e desloco ligeiramente a cadeira para dar mais espaço à recém-chegada.

A Sonia suspira.

— Mais alguém quer dizer alguma coisa?

A charada do quadro prossegue durante mais alguns minutos. As outras mulheres começam a remexer-se nas cadeiras, erguendo as sobranceiras e trocando olhares incomodados. Tento concentrar-me na aula. A rapariga que se sentou ao meu lado está a mastigar pastilha elástica, e eu tenho a sensação de que a única coisa que consigo ouvir são os estalidos da pastilha entre os dentes, ao ritmo do mascar. Olho de relance para ela e vejo-lhe a pastilha entre os dentes, uma bola muito cor-de-rosa que emana um odor artificial a cereja. Ela interceta-me o olhar e volta a sorrir, como se tudo aquilo fosse divertido.

A Sonia acaba finalmente por se render, passando o antebraço pela testa, coberta por uma película húmida.

— Muito bem — declara. — E se fizéssemos um intervalo?

Ouve-se um murmúrio de alívio. As mulheres levantam-se em peso e encaminham-se desajeitadamente para os jarros de sumo. Eu apresso-me a seguir-lhes o exemplo. Depois de se servirem, formam grupos, enchendo a sala de conversas. Eu fico para trás. Começo a sentir a ameaça de um acesso de pânico, sem o Daniel nem o Rory nem a Serena. Como é que as pessoas fazem amigos? Como é que a Serena teria agido?

Aproximo-me de um grupo, tentando mostrar-me descontraída, a ver se me incluem na conversa, mas parece que nunca é boa altura para intervir. Abro a boca várias vezes para dizer qualquer coisa, mas há sempre alguém que avança primeiro, e eu acabo por fechar novamente a boca, como um peixe. Começo a sentir o fio de ansiedade a correr, e o centro nervoso da nuca a dar o alarme. Estou a ficar indisposta com o calor. Ninguém consegue mesmo abrir aquela janela?

A rapariga que chegou atrasada aparece ao meu lado, trazendo na mão dois enormes copos de vinho branco gelado, com gotas de condensação no vidro.

— Queres um? Pareceu-me que estavas com ar de quem precisava de uma bebida a sério. Um dia não são dias. — Estende-me o copo. Tem as unhas pintadas, embora curtas e roídas. Parece muito jovem, mas talvez seja só aparência. Tem um rosto redondo, infantil, com covinhas; no entanto, quando sorri, há nela algo de lupino, pois tem os caninos ligeiramente salientes, pequenos, mas aguçados. — Então, o que é que se passa?

Olho para ela e pestanejo.

— Como?

A rapariga pouisa os copos de vinho numa mesa e aponta para as duas cadeiras ao meu lado, onde se encontravam as etiquetas com os nomes do Rory e da Serena.

— Estava só a pensar que arranjo seria esse — declara, encolhendo os ombros. Depois, vira-se novamente para mim, num movimento brusco, de olhos muito abertos, tapando a boca com a mão. — Não és barriga de aluguer, pois não? — pergunta, soltando uma gargalhada. — Seria típico, não seria? Não queres o bebé, e acabares por ficar com ele nos braços!

A rapariga continua a rir-se. Olho para trás dela, tentando trocar um olhar de entendimento com alguma das outras mulheres, mas nenhuma delas olha para mim, pelo que tenho mesmo de dizer alguma coisa. Pigarreio.

— Não, hum... Não. Não sou. — Tento soltar uma gargalhada. — É que o Daniel, o meu marido, não conseguiu vir a esta aula. — Abano a cabeça levemente, como se fosse algo sem importância. Não digo mais nada, e apercebo-me de que ela está à espera de uma explicação para os dois lugares vazios que reservei. — O outro casal são o meu irmão e a mulher dele, o Rory e a Serena. O filho deles nasce no mesmo mês que o nosso. Tínhamos planeado frequentar estas aulas juntos, mas... acho que eles... obviamente acabaram por decidir não vir.

A rapariga lança-me um sorriso solidário.

— Incrível. Deixa lá, podes sempre fazer equipa comigo. Vamos, então, a esta bebida? — sugere, pegando novamente nos copos.

— Obrigada — respondo, hesitante. — Mas não me parece que...

Por que razão não sou capaz de terminar as minhas frases? Devia dizer-lhe, muito simplesmente: «Não, obrigada. Prefiro não beber álcool. Francamente, estou grávida. Aliás, estamos ambas grávidas. Tenho mesmo de me explicar?»

— Ah, percebo o que queres dizer — intervém ela, revirando os olhos e olhando em volta. — É absurdo, não é? A pressão a que uma pessoa está sujeita! E passam a vida a mudar de opinião! Primeiro, podemos beber; depois, não podemos; depois, podemos «com moderação»; a seguir, é praticamente ilegal. Malditos médicos! — Volto a pigarrear, sem saber muito bem o que dizer. Neste momento, tenho plena consciência dos olhares das outras mulheres, de mim para a rapariga, da rapariga para o vinho e novamente para mim. — Pois bem, que se lixem os médicos! — prossegue ela. — As nossas mães embebedaram-se quando estavam grávidas, e nós sobrevivemos, caraças! — A rapariga está a falar demasiado alto. Reina um silêncio profundo na sala, e as outras pessoas deixaram de disfarçar e observam-nos. A rapariga passa os olhos em redor, regista as críticas que lê nas expressões das outras mães, volta-se novamente para mim, ergue as sobranceiras e solta uma gargalhada. Depois, ergue o copo, num brinde às suas opiniões, e leva-o aos lábios. — Que se lixe o Serviço Nacional de Saúde! — remata. — E tenho dito! — Encosta o copo aos lábios e bebe um gole de vinho. Ao ver aquilo, uma ou duas mães encolhem-se. A rapariga pega no copo que trouxe para mim e estende-mo, como se fosse uma ameaça, ou um desafio. — Vá lá — sussurra, baixando os olhos para a etiqueta onde escrevi o meu nome. — Sabes bem que te apetece... Helen.

Mais tarde, depois de tudo ter acontecido, irei perguntar-me por que razão me terei comportado como me comportei neste momento. Esta rapariga tem qualquer coisa... qualquer coisa que me faz querer afastar-me, procurar refúgio noutra sítio. Como a sensação de caminhar numa vereda à beira de um precipício com o vento, demasiado forte, a dar-nos nas costas.

A verdade, porém, é que não me afasto. Pego no copo que ela me estende. As outras mulheres viram a cabeça, como se, com aquele gesto, eu tivesse respondido a todas as suas indagações. Gostaria de lhes dizer que estou apenas a ser bem-educada, que não tenho qualquer intenção de beber o vinho. Mas elas já desviaram o olhar.

— Obrigada — murmuro.

— Prazer em conhecer-te, Helen. Eu sou a Rachel.

Toca com o copo no meu, bebe outro enorme gole e pisca-me o olho, como se partilhássemos um segredo.

HELEN

O calor está hoje mais tolerável. Corre uma brisa do rio, que penetra no mercado de Greenwich, fazendo ondular os panos que cobrem as bancas, como velas de barcos. A luz do Sol entra pelos painéis de vidro do telhado, formando ilhas de calor no chão. Lá em cima, nas vigas de metal pintadas de verde, os pombos arrulham e protestam; de vez em quando, descem até aos pés das mesas do café para apanhar os pequenos pedaços de croissants que caíram ao chão.

Sempre adorei as ruas que rodeiam o mercado: as vielas estreitas, as elegantes janelas georgianas, o cheiro a mofo dos livros e das antiguidades; a semiobscuridade poeirenta dos *pubs*, com os seus couros muito gastos e os tetos baixos; o cheiro salobro que a brisa traz do rio; os nomes misteriosos, que ficaram do tempo em que Greenwich era o centro do mundo: Straightsmouth, Gipsy Moth, Turnpin, Cutty Sark.

Eu e o Daniel vimos cá muitas vezes ao sábado, embora a experiência seja quase sempre uma desilusão: nunca se consegue uma mesa vaga no café, e a fila para o takeaway dá a volta ao quarteirão; os corredores entre as bancas estão sempre a abarrotar de gente, e eu passo o tempo a pedir desculpa por ter de encostar a barriga às pessoas, ao tentar avançar. Acabamos por vaguear sem destino — olhando repetidamente para as roupas de criança feitas à mão, os chapéus peculiares, o mobiliário já muito gasto — e por disputar com os turistas as minúsculas porções de queijos caríssimos, que depois nos sentimos na obrigação de comprar.

Porém, eu tinha de sair de casa. Esta manhã, ao descer as escadas — ainda de pijama, apoiada no corrimão, que estava nojento, a tentar

desviar-me da panóplia de ferramentas, produtos de isolamento e cobertas para o pó —, fui recebida por um grupo de trabalhadores da construção civil que olharam para mim com um ar constrangido. Murmurei-lhes um bom-dia, mas o único que conheço é o Vilmos, o chefe, que não estava presente. Julgo que nenhum daqueles falava inglês, pelo que se limitaram a sorrir e a acenar com a cabeça, agarrados às latas de bebidas energéticas, com cigarros enfiados atrás da orelha. Percebi imediatamente o dia que me aguardava: berbequins, poeira, reboco destruído; desconhecidos a urinar na minha casa de banho, o chão sujo de pegadas a caminho da chaleira elétrica. Tudo era preferível a ficar em casa.

Ainda não perdoei completamente ao Daniel o facto de ter faltado à aula do curso de preparação para o parto. No dia seguinte, quando acordei, já ele se havia levantado e tomado duche, e estava sentado no sofá com o computador no colo.

— Bom dia, que tal correu? — perguntou-me, erguendo os olhos, quando sentiu a minha presença.

Encolhi os ombros, tentando atar o cinto do roupão.

— Não foi agradável.

— Desculpa, Helen.

— Está bem. Mas tu sabes que eu detesto fazer este género de coisas... sozinha.

Ele fechou o computador e enfiou os dedos por trás dos óculos, esfregando os olhos. Então, tentou explicar-se: o novo projeto de construção em que está a trabalhar tivera mais uma crítica péssima no *Evening Standard*; o jornal saía ao fim da tarde, e o cliente ficara furioso, exigindo saber por que razão não fora avisado, e o que é que a imprensa tinha contra o projeto. Competira ao Daniel ir a correr para Edimburgo para se reunir com o cliente e tentar acalmar as coisas.

— Não podia ter sido o Rory a tratar do assunto?

Mas eu já sabia qual era a resposta antes até de ter acabado de fazer a pergunta. O Daniel revirou os olhos.

— Não consegui encontrar o Rory — respondeu. — Como sempre. — O Daniel trabalha no gabinete de arquitetura do meu irmão Rory há alguns anos. A sugestão foi minha, pelo que não consigo deixar de me sentir responsável pelo facto de o meu irmão se ter revelado um sócio muito pouco fiável. Aparentemente, é graças ao Daniel que as coisas

não se afundam. Ele levantou-se e abraçou-me. — Desculpa — murmurou, encostando os lábios ao meu cabelo. — Prometo compensar-te. Que tal irmos fazer compras para o bebé este fim de semana?

Afastei-me dele para o olhar de frente. Aquilo era uma concessão de peso: sei que ele tem muita dificuldade em fazer esse género de coisas, devido ao que aconteceu das vezes anteriores. O Daniel ainda não se permite ter esperança, acreditar que, desta vez, as coisas vão de facto ser diferentes.

— A sério? E não vais passar o dia a queixar-te?

Ele deu uma gargalhada.

— Prometo que não. Vamos ver todos os pares de meias minúsculas que te apetecer, e eu não direi uma palavra.

Hoje, o mercado está maravilhosamente letárgico. Os vendedores estão quase todos refastelados nos seus assentos, com as embalagens castanhas do takeaway no colo, a conversar enquanto almoçam. Não há filas, pelo que eu escolho calmamente presunto serrano, queijos e uma bela tarte de alperce. Na padaria, opto por um pão de massa lêveda polvilhado de farinha. Nas bancas do exterior, sirvo-me de mãos-cheias de tomates vermelhos e amarelos, macios e redondos, como pedras preciosas, embrulhados num papel castanho fininho, cheio de vincos.

Vendo bem, talvez não seja assim tão mau não ter nada que fazer. Aconselharam-me a começar a licença de maternidade mais cedo do que o previsto. Não é a minha primeira gravidez, e as outras não acabaram bem. Sou um caso de risco elevado, faço ecografias de duas em duas semanas, o meu bebé é repetidamente examinado. Disseram-me que tenho de levar uma vida calma, que tenho de passar muito tempo em casa, sem fazer nada.

Decido conceder-me tempo para dar uma volta completa ao mercado, absorvendo os odores a pão acabado de cozer e a flores recém-colhidas, ouvindo a longínqua melodia do músico ambulante nos degraus de acesso. Detenho-me nas bancas onde nunca compro nada, as bancas de objetos de prata, brinquedos antigos, velas de fabrico caseiro, saias compridas, vestidos de seda, túnicas tingidas à mão. Coisas que a minha mãe gostava de ver quando aqui vínhamos juntas. Finjo-me interessada para poder mexer nos objetos, sentindo o toque da prata, dos tecidos aveludados, da seda amarrotada; coisas que me fazem lembrar a minha mãe.

A senhora da banca da roupa — uma hippie já de uma certa idade, com um *piercing* no nariz e pele que parece de couro — não se mostra incomodada com a minha presença. Está a comer o que, pelo cheiro, julgo ser um caril de lentilhas de uma das bancas de comida quente, espetando bocados de queijo indiano e de abóbora com um garfo, com uma varejeira a zunir atrás de si. Passo os dedos pelas túnicas e pelas blusas, deslocando os cabides, um por um, com a ponta dos dedos, e vou imaginando as que a minha mãe teria escolhido.

Foi nesta banca que ela comprou um vestido de veludo verde. Pô-lo à sua frente, inclinando a cabeça para o lado, vendo-se ao espelho cheio de rachas do provador improvisado. O espelho ainda é o mesmo, com a moldura em arco-íris. E eu tenho o vestido em casa, embora não goste de olhar muito para ele; está arrumado numa gaveta, longe da vista. Por vezes, não consigo perceber como é que esse género de coisas permanece igual: coisas em que ela tocou, coisas que usou, que adquiriram o calor do seu corpo, espelhos que refletiram a sua imagem — tudo isso continua a existir neste mundo, comigo. Ao passo que ela desapareceu, e nunca mais irá voltar.

Regresso à praça principal, onde se encontra o café e as mesas de metal. Penso em pedir um sumo de laranja e sentar-me um bocado. Podia entreter-me a consultar o *Instagram* da Serena para ver o que ela anda a fazer. A Serena tem aula de yoga às quartas-feiras e costuma postar qualquer coisa a seguir: uma fotografia sua de pernas para o ar, enrolada como uma acrobata em cima de um colchão cor-de-rosa, com o cabelo a completar o círculo perfeito do seu corpo; ou uma citação inspiradora de um livro, em geral fácil de encontrar na Internet. Também me ocorre ir ver que aulas para grávidas são essas que ela descobriu, dadas na padaria. Mas a verdade é que já paguei centenas de libras pelas minhas; o Daniel ficaria furioso se agora eu quisesse mudar.

Então, vejo-a, a rapariga do meu curso de preparação para o parto. A Rachel. Está sentada a uma das mesas de metal a ler o jornal gratuito distribuído nas estações do metropolitano. O caso de violação aparece novamente na primeira página. A rapariga tem uma expressão dura, os lábios cerrados, formando uma linha reta.

Eu podia ir cumprimentá-la, obviamente, mas, na verdade, não tenho nada de especial para lhe dizer, nem me apetece dar início a outra

conversa banal, que acabaria por se tornar constrangedora. No final da aula, eu estava ansiosa por me vir embora, e ela tentou entabular nova conversa; fiquei com a impressão de que lhe apetecia ir fazer qualquer coisa comigo, ir tomar outra bebida. Murmurei uma desculpa e desapareci o mais rápido que pude, seguindo apressadamente para casa para ir repreender o Daniel por não ter ido.

Não resisto a observá-la um pouco, dado que ela não deu pela minha presença. Parece-me muito nova para ser mãe — é bem mais nova do que as outras mulheres do nosso grupo. Na verdade, é bastante bonita, embora tenha cometido o erro de depilar demasiado as sobrancelhas e de pintar o comprido cabelo num tom demasiado escuro, o que a faz parecer excessivamente pálida.

Está completamente absorta na leitura do jornal. Nem tocou no café, à sua frente, ainda com a camada de chocolate em pó sobre a espuma. Tem o telemóvel e a carteira pousados na ponta da mesa, o que me parece uma grande imprudência: qualquer pessoa poderia levá-los facilmente. Reparo que a carteira está cheia de notas — tão cheia que o fecho só corre até meio.

A certa altura, pousa o jornal sobre a mesa, pega no telemóvel e começa a clicar no ecrã. Ainda tem o verniz roxo, todo lascado, nas unhas. Aos seus pés, está a horrível mochila dourada e uma série de sacos de compras. O telemóvel tem uma capa dourada, de plástico, como as das adolescentes, com os contornos de um coelhinho da *Playboy* em minúsculas pedrinhas brilhantes.

Fico a observá-la durante bastante tempo. A certa altura, ela ergue a cabeça e apercebe-se imediatamente da minha presença. Tento desviar o olhar e começo a remexer nos sacos das compras, mas é demasiado tarde.

— Helen! — Quando ergo os olhos, a expressão séria da Rachel foi substituída por um grande sorriso, os dentes pontiagudos novamente à vista. Ela inclina a cabeça levemente para o lado e faz-me sinal para me aproximar, atirando a volumosa carteira para dentro da mochila. — Que bom ver-te! — exclama. Eu faço um aceno hesitante, mas ela levanta-se e envolve-me num abraço caloroso, como se fôssemos duas velhas amigas que não se veem há muito tempo, quando, na realidade, somos quase duas estranhas e conhecemo-nos há poucos dias. A mão que ergui para lhe acenar fica esmagada entre os nossos peitos, numa

posição incómoda. — Também me puseram de licença. Por ter a tensão alta, como tu. Já viste a coincidência?

De facto, que coincidência... Se bem que os problemas de hipertensão não são propriamente uma raridade — embora eu presuma que, no meu caso, estejam relacionados com o facto de eu ter algum peso a mais. A Rachel, porém, é tão magrinha, tão franzina, que a sua barriga redonda parece uma incongruência em comparação com as pernas e os braços finos.

— Oh, lamento! Coitada! — digo cautelosamente. — Também estás a tomar labetalol?

Por um instante, ela fica a olhar para mim sem reacção.

— Pois — responde vagamente, desviando o olhar. — Algo do género. — Arruma o assunto com um gesto da mão, como se não tivesse importância. — Anda, vamos tomar um café. Para podermos pôr a conversa em dia.

Pôr a conversa em dia? Que conversa? Abro a boca para recusar a proposta, mas volto a fechá-la porque o meu cérebro não conseguiu pensar numa desculpa convincente. A Rachel já está a olhar para trás de mim, a chamar o empregado com um dedo, a unha pintada de roxo no ar.

— Olhe, por favor. — Volta a franzir o sobrolho. — Merda — resmoneia. — A malta aqui é mesmo lenta.

Pouso a mala e as minhas compras no chão, entre nós, e começo a formar uma série de desculpas na cabeça. Vou dizer que vou ter uns amigos a jantar lá em casa. Que não me posso demorar. Sento-me, e um silêncio incómodo instala-se entre nós. Tento iniciar uma conversa inconsequente.

— Vieste às compras? — pergunto, apontando, num gesto um bocado imbecil, para os sacos dela.

— Sim! — responde ela, muito animada. — Coisas para o bebé, obviamente. Perdi completamente a cabeça. Bem sei que não devemos exagerar, mas eu não resisto. Que se lixe! É tudo tão amoroso! — Solto uma gargalhada, pouco à vontade. Percebo o que ela quer dizer. Os casaquinhos aveludados, as toalhinhas com orelhas de urso no capuz... Quando se começa, torna-se um vício. Vou ter de dizer ao Daniel que ainda não comprei nada, como ele me pediu, pois o facto de ele se disponibilizar para ir comigo às compras para o bebé no fim de semana é um mimo incrível. A verdade é que ando há várias semanas

a esconder-lhe sacos com coisas. A Rachel encosta os lábios à chávena do café e bebe um gole, deixando uma meia-lua rosa-coral na borda. — Mas, então — diz, voltando a pousar a chávena —, fala-me desse teu marido. Ele deu-te uma boa desculpa?

— Como assim?

— Para não aparecer!

— Ah. — Solto uma pequena gargalhada nervosa, lançando olhares de relance às mesas que nos rodeiam. Pergunto-me se os outros clientes também acharão o tom de voz da Rachel um tanto elevado, ou se será só impressão minha. — Teve um problema de trabalho bastante aborrecido para resolver. Coisas que acontecem.

Noutros tempos, o Daniel adorava o emprego. Quando começou a trabalhar com o Rory — no gabinete de arquitetura e construção fundado pelo meu pai, e que o Rory herdou quando ele morreu —, achei que era a combinação perfeita. Mesmo que o Rory nem sempre fizesse a sua parte, o Daniel certamente teria uma vida mais facilitada se fosse patrão de si próprio. O escritório tem a sede aqui, em Greenwich, e ele podia atravessar o parque a pé para ir trabalhar e escolher o seu próprio horário. Pelo menos era o que me parecia que o Rory fazia.

A verdade, porém, é que vejo o Daniel cada vez menos. Volta para casa com umas olheiras profundas e os ombros descaídos, como se andasse com pedras às costas. Diz-me sempre que está tudo bem, que é apenas um cliente demasiado exigente, ou um projeto com dificuldade em avançar. Mas, entre isso e as obras em nossa casa, parece que começou a detestar o que faz. Talvez seja também a pressão do nascimento do bebé... não sei. Eu devia ter uma conversa séria com ele, indagar... Mas, quando ele chega a casa, há vezes em que olho para a cara dele e até tenho receio de lhe perguntar como lhe correu o dia.

— Um problema de trabalho! Mas que história tão previsível, caracas! — A Rachel solta uma gargalhada, batendo com a mão na mesa. Os anéis nos seus dedos ressoam sobre o metal, sobressaltando-me. O bando de pombos que se formara aos nossos pés levanta voo. Ela olha de relance para mim e pousa a chávena sobre a mesa. Depois, põe-se séria e coloca uma mão sobre o meu braço. — Desculpa, Helen. Estava a brincar. De certeza que ele teve mesmo algum problema.

— Não faz mal — respondo. Tento reorientar a conversa para um assunto em que me sinta mais à vontade. — Para dizer a verdade, fiquei

um bocado irritada com ele. O meu irmão e a minha cunhada também deveriam ter ido, mas não conseguiram, por isso...

— Ah, pois, tu disseste-me. Foi uma pena. — Ela faz uma pausa. — Mas deve ser espetacular terem as duas um bebé ao mesmo tempo. Ainda por cima a viverem ao pé uma da outra.

— Sim, é ótimo — assinto, com um aceno de cabeça. Mal pude acreditar quando a Serena me disse que o nascimento do bebé dela e do Rory estava previsto para algumas semanas depois do meu. Após as minhas gravidezes anteriores, pareceu-me finalmente um bom presságio. Nessa altura, tive a certeza de que, desta vez, as coisas iam correr melhor.

— Dás-te bem com ela? Com a tua cunhada?

— Com a Serena? Ah, sim! Ela é fantástica. Na verdade, é como se fosse uma irmã. — A afirmação sai-me com um enorme entusiasmo, e eu sinto um rubor a invadir-me as faces. Terei parecido infantil? — Fomos colegas na faculdade, os quatro — acrescento rapidamente. Tenho o cuidado de não referir que andei em Cambridge, pois o Daniel explicou-me que pode parecer que me estou a gabar, especialmente na presença de pessoas que talvez nem tenham um curso superior. — O Rory andava um ano à minha frente. E, agora, o Rory e o Daniel são sócios; por isso, acabamos por nos ver todos muito frequentemente.

— O teu marido e o teu irmão? São sócios? É uma empresa de quê?

— São arquitetos. O meu pai também era arquiteto, e... bem, digamos que era um bocado famoso. Morreu há uns anos. — Faço automaticamente uma pausa, aguardando as habituais condolências, a habitual curiosidade sobre o meu pai, mas a Rachel não reage. Está entretida a tirar o chocolate em pó da espuma do café com o indicador, levando-o de seguida à boca. Depois, passa o dedo humedecido pela borda da chávena, sobre a linha de chocolate que ali ficou. — Quando o meu pai morreu, o Rory tomou conta do escritório. Vickers and Company — prossigo, embora sem perceber se ela me está a ouvir. — O Daniel estava a sair-se muito bem num outro ateliê; já tinha ganhado uns prémios e tudo. Por isso, não foi uma decisão difícil. O Rory convidou-o a juntar-se a ele como sócio, e agora temos uma empresa verdadeiramente familiar. Eles são ambos brilhantes. E o Daniel está a remodelar a nossa casa. Vamos retirar a casa de banho do andar de baixo e construir uma casa de banho no andar de cima, onde vamos colocar

uma banheira vitoriana linda, com um chuveiro enorme ao lado, e aplicar uns azulejos espetaculares que eu encontrei. Onde estava a casa de banho, vamos pôr umas escadas novas, com um patamar, e, no futuro, haveremos de construir uma extensão na cave, um piso completo, com uma sala de estar enorme, uma claraboia e... — Calo-me subitamente, perguntando-me se estarei a parecer fanfarrona. — E mais umas coisas. Foi o Daniel que fez o projeto. Estamos muito entusiasmados.

Tenho a sensação de que a Rachel está entediada com esta conversa sobre obras. Já acabou de beber o café e ficou com um pequeno «M» de espuma no lábio superior e manchas de chocolate nos cantos da boca. Faço-lhe sinal para os meus lábios e ela ri-se e limpa a boca. Depois, estende os braços acima da cabeça, expira profundamente e olha em redor.

— Tomamos outro café? — pergunta, embora eu ainda não tenha tomado nenhum, limitando-me a vê-la a tomar o que já tinha pedido. — Até podíamos ser ousadas e tomar um café com cafeína! — Sorri, dando umas palmadinhas na barriga, coberta de pele de leopardo. Não consigo perceber se está a fazer troça de mim ou não. Dá a impressão de que, para ela, os bebés são algo abstrato e que o cumprimento das recomendações de saúde é absolutamente facultativo.

— Na verdade, preferia um sumo de laranja — digo.

Ela mostra-se divertida.

— OK. Tudo bem. Vou lá dentro pedir. É mais rápido do que estar à espera destes palhaços.

O comentário sai-lhe bastante alto, e um empregado que vai a passar ergue a cabeça, estupefacto. A Rachel ignora-o e avança para o interior do café, num passo determinado.

Depois de me certificar de que ela entrou, não resisto a bisbilhotar o conteúdo dos sacos de compras dela. Baixando furtivamente a mão, abro um dos sacos com o polegar e o indicador e enfio a mão no interior para apalpar os tecidos. Porém, apanho uma desilusão: no primeiro saco, não encontro nenhuma roupa de bebé, mas uma camisola velha com os punhos muito sujos e o que parece ser um par de *leggings*, igualmente velhas, umas etiquetas de roupa e uma caixa de óculos de sol vazia.

— Oh, merda! — ouço. Ergo os olhos num movimento rápido. Por instantes, tenho a certeza de que a Rachel me apanhou a vasculhar os

sacos dela, pois está a olhar fixamente para mim. — O homem deu-me um café em vez do sumo de laranja. Que idiota! Importas-te de o beber, ou queres que volte lá?

— Claro que não — respondo, tentando disfarçar o alívio que sinto. — Ninguém vai morrer por causa de um café.

Talvez consiga deixá-lo intacto, penso, enquanto ela se senta. Como fiz com o copo de vinho.

Então, sem advertência prévia, ela estende as mãos e pouasa-as sobre a minha barriga.

— É tão estranho, não é? — diz, num tom pensativo. — Estar grávida. Onde achas que está a cabeça do bebé?

O contacto é feito antes de eu ter tempo de enunciar qualquer objecção, e não consigo evitar encolher-me perante as mãos dela, muito pálidas e frias, a pousarem subitamente sobre a minha barriga, as pontas das unhas roxas roídas a tocarem no fino algodão da minha blusa.

— Não... não sei — consigo finalmente balbuciar.

A Rachel não parece reparar na minha reação de espanto àquele contacto e continua a massajar-me a barriga, para a frente e para trás, desencadeando-me uma reação nervosa na pele esticada.

— É fácil de perceber — continua ela, olhando fixamente para a minha barriga. — Basta procurar o pescoço. Eu mostro-te.

Abrindo os joelhos, coloca-se de frente para mim e começa à procura, com o polegar e o indicador, na parte inferior da minha pélvis, como se estivesse a tentar beliscar os lados da cabeça do bebé.

— Rachel, estás a fazer muita pressão — advirto-a, arquejando. — Tens a certeza de que isso não faz mal ao bebé?

— Claro que não! — replica ela, exercendo ainda mais pressão. — Cá está ela! — exclama, por fim, triunfante. — Aqui está a cabeça do teu bebé.

Eu volto a arquejar e recuo, sentindo a coluna a embater contra as costas da cadeira, enquanto imagino o meu bebé a flutuar no útero, com a estranha mão da Rachel a pressionar as paredes vermelhas e reluzentes do seu universo.

**Helen tem tudo...
Daniel é o marido perfeito.
Rory é o irmão perfeito.
Serena é a cunhada perfeita.
E Rachel? Rachel é o pesadelo perfeito.**

A vida de Helen é idílica. Tem um marido encantador, uma casa vitoriana maravilhosa e um bebé muito desejado finalmente a caminho. Na primeira aula de preparação para o parto, Helen conhece Rachel, uma jovem solteira com atitudes desadequadas e pouco maternais: fuma, bebe e demonstra pouco interesse pelas questões da parentalidade. Ainda assim, Helen sente-se cativada. Talvez Rachel só precise de uma amiga. E, na verdade, Helen também se sente um pouco só.

Mas o comportamento de Rachel é cada vez mais errático e perturbador. E Helen não é a única a notar. A sua família mais próxima começa a desconfiar que esta nova e estranha amiga possa ter segundas intenções. E que isso talvez possa destruir a tranquilidade das suas vidas. E perturbar o sossego dos seus segredos cuidadosamente escondidos sob as árvores de folhas largas e a luz quente das lâmpadas de Greenwich Park.

**Com um enredo excecional e totalmente viciante,
Greenwich Park é um olhar sombrio e envolvente sobre
a maternidade, as amizades, o privilégio e os segredos
que guardamos para nos protegermos.**

**«Um thriller psicológico inteligente, vertiginoso
e repleto de reviravoltas.»**

The Sunday Times

<p>TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-735-4  9 789895 647354 Thriller</p>
--	--